

**AUTORIA: Ivanete Coimbra Cavalcante Sousa**

**CONTO: O Último Bilhete**

O sinal tocou às 17h30, como todos os dias de 1983. Mas naquele 15 de dezembro, o som foi diferente para Helena.

Antônio não apareceu no portão da escola. Não estava no banco da praça. Não desenhava corações tortos no caderno dela.

Em casa, o pai foi direto e implacável: "A família dele se mudou para o Rio de Janeiro hoje de manhã. E você vai esquecer esse menino."

Ela tinha 13 anos. Ele, 14. E o último bilhete ficou dobrado, estático, dentro do livro de matemática: "Te espero na pracinha sábado. Eu volto, Helena."

Ele nunca voltou.

Helena casou-se com Ricardo aos 22 anos. Um bom homem. Construiu uma casa, pariu dois filhos, enterrou os pais. Ricardo partiu num domingo de junho, trinta anos depois, com a mão dela entrelaçada na sua. Na missa de sétimo dia, a filha perguntou, confusa: "Mãe, por que a senhora está chorando tanto se foi um casamento arranjado?"

Helena não respondeu. Como explicar que metade do choro era por Ricardo, o companheiro de uma vida, e a outra metade era por um menino que foi para Rio de Janeiro e que ela nem sabia se ainda respirava?

A 2.400 quilômetros dali, Antônio enterrava Lúcia após 32 anos de casamento. Na gaveta do criado-mudo, guardava uma caixa de sapatos. Dentro, dezenas de tentativas de cartas nunca enviadas. Todas começavam igual: "Helena, não sei se você ainda lembra de mim..."

Outubro de 2024. São Luís, 38°C.

"Vó, fiz um Facebook para a senhora ver as fotos da família, quem sabe rever alguns amigos que se afastaram com o tempo", disse o neto, colocando o celular na mão dela.

Três dias depois, o mundo parou numa notificação: Antônio Carvalho quer ser seu amigo.

O dedo de Helena tremeu tanto que o aparelho quase escorregou. A foto de perfil mostrava um homem de cabelos brancos na praia de Copacabana. Mas o sorriso torto... ah, o sorriso era o mesmo daquele menino do fundo da sala.

A primeira mensagem dele veio carregada de nostalgia:

"Helena do 7º B? Você ainda guarda os cadernos?"

Ela respondeu na hora, com o coração na boca: "Guardo. E você, ainda cumpre promessas?"

Foram 92 noites de videochamada. Ele mostrava o pôr do sol dourado do Arpoador; ela exibia a lua cheia prateando a Ponta d'Areia. Falaram dos filhos, dos netos, das ausências. E daquele vazio de cinquenta anos que, num passe de mágica, só a voz um do outro conseguia preencher.

Dia 12 de dezembro de 2024, voo 3847 do Rio de Janeiro.

Antônio desceu os degraus do desembarque com passos firmes, os olhos ansiosos varrendo o saguão e um caderno surrado apertado contra o peito. Helena o esperava perto do portão. Não usava o vestido de outrora, mas trazia nos olhos o mesmo azul do dia da formatura da oitava série. Ela tinha guardado meio século para aquele instante.

Não correram um para o outro. Aos 66 e 67 anos, a gente não corre. A gente caminha devagar, saboreando cada passo, para não assustar o destino de novo. Quando ficaram frente a frente, o tempo congelou. Sem dizer uma palavra, ele abriu o caderno na última página. O coração torto, desenhado à caneta esferográfica azul, ainda estava lá, desbotado pelo tempo, mas intacto no sentimento.

"Eu demorei", ele disse, com a voz embargada e os olhos marejados.

Helena tocou a página áspera e, depois, acariciou o rosto dele, sentindo as marcas do tempo: "Mas voltou. No mesmo dezembro em que você partiu."

Hoje, eles tomam café na varanda às seis da manhã. Ela reclama que ele põe açúcar demais na xícara. Ele resmunga que ela assiste à novela com o volume alto. Os netos dela disputam quem vai sentar no colo do "vô Antônio". A filha dele liga todo domingo para saber se a "titia Helena" já tomou o remédio da pressão.

Vivem juntos. Sem festa, sem papel, sem aliança.

Porque um amor que sobrevive a cinquenta anos de ausência, a dois casamentos, a quatro enterros e à distância continental de 2.400 quilômetros... esse amor não precisa de contratos.

Só precisa de um caderno antigo e da coragem bonita de cumprir, enfim, o último bilhete.